

*Joel Birman*

# **Ser justo com a psicanálise**

Ensaio de psicanálise e filosofia

1ª edição



Rio de Janeiro | 2021

## Introdução

### Ser justo ou fazer justiça a Freud?

#### CIENTIFICIDADE

A intenção primordial deste livro é a de *problematizar*<sup>1</sup> as relações existentes entre a psicanálise e a filosofia, numa perspectiva eminentemente histórica, pela qual os diferentes autores e interlocutores mediados nessa *problematização* estarão devidamente circunscritos nos seus horizontes sociais, políticos e culturais, na leitura que propuseram da psicanálise e da filosofia. As coordenadas fundamentais desta obra estão condensadas nos delineamentos de suas *linhas de força* cruciais, assim como as suas *linhas de fuga* inesperadas, esboçando nessa base a nudez de sua nervura.

Portanto, a psicanálise desde o tempo da emergência histórica do discurso freudiano, na viragem do século XIX para o século XX, com a publicação emblemática de *A interpretação dos sonhos*,<sup>2</sup> colocou certamente um *problema* crucial para o discurso filosófico. Este, em contrapartida, empreendeu progressivamente desde então a *recepção* crítica do discurso psicanalítico, de forma ao mesmo tempo *sistemática* e *assistemática*.

De maneira complementar, mas em conexão íntima com a recepção crítica do discurso filosófico e do discurso psicanalítico, o discurso da ciência e o discurso da medicina se opuseram simultaneamente à psicanálise, pelo não *reconhecimento*<sup>3</sup> de sua cientificidade. Com efeito,

- 
1. Foucault, M. *Dits et écrits*. Volume IV. Paris, Gallimard, 1994; Deleuze, G.; Guattari, F. *Mille Plateaux: Capitalisme et schizophrénie* 2. Paris, Minuit, 1980.
  2. Freud, S. *L'interprétation des rêves* (1900). Capítulo 7. Paris, Presses Universitaires de France, 1976.
  3. Deleuze, G.; Guattari, F. *Mille Plateaux*. *Op. cit.*

o fundamento desse não reconhecimento da cientificidade do discurso freudiano se baseava nos pressupostos do discurso neopositivista da ciência, tal como foram sistematizados pelo Círculo de Viena, segundo os quais apenas seriam considerados científicos os enunciados discursivos que pudessem ser reduzidos a proposições simples. Ao mesmo tempo, tais proposições deveriam ser passíveis de *verificação* empírica. Nessa perspectiva, nem o discurso filosófico, nem tampouco o discurso estético, pôde ser considerado científico, pois contrariaria os interpretados como *discursos com sentido* propriamente ditos. Em contrapartida, foram considerados como *discursos sem sentido*. A psicanálise foi, portanto, indiscutivelmente inscrita no campo *negativo* dos discursos sem sentido, na medida em que os enunciados da *metapsicologia* freudiana não seriam passíveis de verificação, tal como ocorria com os enunciados dos discursos filosófico e estético, em oposição cerrada ao discurso da ciência na sua *positividade*.

Contudo, se na tradição anglo-saxônica, ao mesmo tempo norte-americana e inglesa, a psicanálise nunca foi efetivamente reconhecida como ciência, em decorrência da importância dessa leitura epistemológica da ciência, de *fato* e de *direito*, para aludir a Kant em *Crítica da razão pura*,<sup>4</sup> na tradição francesa, a psicanálise começou a ser interpretada e reconhecida como *saber da interpretação*. Dessa forma, a problemática da produção do *sentido* pelo sujeito passou a ser colocada no primeiro plano de leitura pelos intérpretes dessa tradição teórica e cultural. Com efeito, de Politzer a Ricoeur e Merleau-Ponty, passando por Lacan e Dalbiez, o discurso psicanalítico tornou-se positivamente recuperado como um saber da interpretação. No entanto, nessa tradição filosófica, uma vez que esse discurso foi considerado como a *presença negativa* do espectro da psicologia clássica no campo do discurso psicanalítico, a *metapsicologia* freudiana foi frontalmente refutada e recusada de forma sistemática para, assim, promover efetivamente o desenvolvimento da psicanálise como saber da interpretação.

---

4. Kant, E. *Critique de la raison pure pure* (1781). Paris, Presses Universitaires de France, 1971.

## DESCONSTRUÇÃO DA FILOSOFIA DO SUJEITO

Desde os seus tempos iniciais e heroicos o discurso psicanalítico colocou um problema crucial para a filosofia, a saber, o *descentramento do sujeito* dos registros da *consciência*, do *eu* e da *representação*, opondo-se radicalmente à tradição filosófica oriunda de Descartes. Se essa tradição se fundava nesses três pressupostos que conduziam inequivocamente ao enunciado do *cogito* como “Penso, logo sou”,<sup>5</sup> em contrapartida, o discurso freudiano se fundava no registro do *desejo*, que seria o instituidor efetivo da existência do sujeito, do qual seria oriundo posteriormente o registro do pensamento.<sup>6</sup>

Essa foi a tese fundamental que o discurso psicanalítico colocou para o discurso filosófico, conduzindo este a refutar inicialmente o projeto teórico da psicanálise na tradição da filosofia do sujeito e, por outro lado, a reconhecer parcialmente tal projeto nos autores que assumiram uma leitura crítica e desconstrutivista da tradição, como foi o caso de Foucault, Derrida, Deleuze, Rosset e Politzer.

Ao mesmo tempo, na tradição filosófica alemã, a geração inicial da Escola de Frankfurt, com Adorno, Horkheimer e Marcuse, acolheu positivamente o discurso psicanalítico, enfatizando a importância do discurso freudiano por oferecer ferramentas conceituais para empreender a desconstrução dos processos sociais de *alienação* e de *reificação*, promovidos de maneira abrangente pelo modo de produção capitalista. Portanto, para esses autores o discurso psicanalítico possibilitaria a potencialização da operação teórica da *negatividade*, presente nos discursos filosóficos de Hegel e de Marx.

---

5. Descartes, R. “Méditations métaphysiques: Objections et réponses” (1641). In: *Oeuvres et lettres de Descartes*. Paris, Gallimard (Pléiade), 1949.

6. Lacan, J. *Écrits*. Paris, Seul, 1966.

## CRITÉRIO DE JUSTIÇA

Esta obra pretende dar lugar a todas essas vozes que possibilitaram as recepções e a interpretação crucial que a psicanálise fez do discurso filosófico, assim como as diversas respostas que o discurso filosófico endereçou à psicanálise, seja para refutá-la, seja para acolhê-la. Por isso mesmo, esta obra seguiu rigorosamente as linhas de força da história, iniciando por Freud e Lacan, nas formas pelas quais seus diferentes discursos psicanalíticos interpelaram e empreenderam o debate com o discurso filosófico. Em seguida, os diferentes discursos da filosofia, com Marcuse, a Escola de Frankfurt, Deleuze, Foucault, Hyppolite e Derrida, respectivamente, foram colocados em cena, a partir do diálogo e da recepção crítica que tiveram com a psicanálise enquanto saber.

Ao escolher o título deste livro, procurei inseri-lo historicamente no coração desse debate teórico, intitulando-o *Ser justo com a psicanálise*. O título se inscreve na espinha dorsal da interlocução que foi estabelecida historicamente entre psicanálise e filosofia. Numa passagem célebre de *História da loucura*, Foucault enunciou de maneira peremptória que seria preciso “ser justo com Freud”, uma vez que este reconheceu efetivamente a experiência da loucura em sua verdade, pois não concebeu mais o *delírio* como *erro da razão*, ao inscrevê-lo de forma eloquente como *forma de linguagem* e de *discurso* na sua positividade.<sup>7</sup> Ao enunciar essa avaliação ética e teórica, Foucault se baseava certamente na análise que Freud realizou do famoso caso Schreber, principalmente na leitura dos *delírios de interpretação* e da erotomania a partir da proposição axial “Eu te amo”, indicando que, pela mudança de posição do *sujeito*, do *verbo* e do *predicado* na frase em questão, seria então possível reensear a totalidade de tais delírios.<sup>8</sup>

Ao lado disso, Foucault, na sua *arqueologia do saber* realizada ainda na *História da loucura*, enunciou também que o *dispositivo psicanalítico*

7. Foucault, M. *Histoire de la folie à l'âge classique* (1960). Paris, Gallimard, 1972.

8. Freud, S. “Remarques psychanalytiques sur l'autobiographie d'un cas de paranoïa (Dementia paranoides) (Le Président Schreber)” (1911). In: Freud, S. *Cinq psychanalyses*. Paris, Presses Universitaires de France, 1975.

baseado na transferência se constituiu pelas coordenadas estabelecidas pelo *dispositivo do tratamento moral* instituído no campo do asilo psiquiátrico no início do século XIX.<sup>9</sup> Assim, estabeleceu uma relação de *contradição* e até mesmo de *paradoxo* entre a tese do delírio como verdade e a leitura de dispositivo psicanalítico como *derivação* arqueológica do dispositivo do tratamento moral.

Foi fundamentalmente por essa última formulação de crítica à psicanálise que Derrida reagiu ao discurso teórico de Foucault, estabelecendo com ele um debate denso sobre a psicanálise, e realizando uma crítica à *História da loucura*. Num ensaio inicial intitulado “Cogito e história da loucura”, de 1963, Derrida enunciou que o projeto de Foucault não teria sido teoricamente possível sem a constituição histórica da psicanálise, que realizou, ao mesmo tempo, a crítica sistemática da psiquiatria e do dispositivo asilar. Ao lado disso, Derrida se insurgiu radicalmente contra a leitura de Foucault sobre Descartes, teórico que teria sido constituidor do registro razão-*desrazão*, que é crucial, como se sabe, na leitura de Foucault na obra em questão.<sup>10</sup>

Em 1993, no contexto do colóquio organizado em Paris pela Sociedade de História da Psicanálise e da Psiquiatria, coordenado por E. Roudinesco e por R. Major, com o tema “Trinta anos da História da loucura”, Derrida voltou a criticar a leitura de Foucault, num ensaio intitulado “Fazer justiça a Freud”, no qual faz uma ironia à Foucault pela formulação dessa frase.<sup>11</sup> Derrida retornou à obra de Foucault sobre a constituição histórica da loucura, enunciando que, sem a psicanálise, ela não seria, enfim, possível, pela desconstrução radical promovida no discurso psiquiátrico.<sup>12</sup>

Entre o enunciado “ser justo com Freud” formulado por Foucault e o ensaio “Fazer justiça a Freud” enunciado por Derrida, escolhemos

9. Foucault, M. *Histoire de la folie à l'âge classique*. Op. cit.

10. Derrida, J. “Cogito et histoire de la folie”. In: Derrida, J, *L'écriture et la différence*. Paris, Seuil, 1967.

11. *Idem*. “Fazer justiça a Freud”. In: Foucault, M.; Derrida, J. *Três tempos sobre a História da loucura*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2001.

12. *Ibidem*.

o título *Ser justo com a psicanálise*, para assim estabelecer as linhas de força e as linhas de fuga que foram delineadas entre os discursos psicanalítico e filosófico desde a emergência histórica e epistemológica da psicanálise como saber. E também para enfatizar as problemáticas que a psicanálise endereçou ao discurso da filosofia ao longo do século XX e que foram por esta incorporadas em diferentes discursos teóricos, com diversos níveis de complexidade.

PARTE 1

Problemas, problemáticas  
e problematizações  
(Freud)



## 1. Cartografias da filosofia

## PREÂMBULO

A finalidade deste ensaio é delinear a constituição e o desenvolvimento teóricos do discurso freudiano, naquilo que esse colocou como questões fundamentais para o discurso filosófico, desde a fundação da psicanálise, na passagem do século XIX para o século XX. Pela, construção, como modalidade original do discurso, Freud circunscreveu algumas *problemáticas*<sup>1</sup> teóricas que foram cruciais para a filosofia que, por sua vez, respondeu devidamente a elas. Com efeito, com críticas e objeções, mas também com reconhecimento, pela pertinência das tais problemáticas esboçadas, a filosofia estabeleceu um diálogo sempre rigoroso com a psicanálise. Tudo isso constituiu evidentemente uma *interlocação* bastante viva entre psicanálise e filosofia, que atravessou a totalidade do século passado, de maneira a tecer uma verdadeira história entre as duas disciplinas, que não saíram incólumes desse diálogo crítico de gigantes. Vale dizer, a psicanálise acabou por incorporar, no seu discurso teórico, uma série de ponderações críticas formuladas pela filosofia, da mesma forma que esta também inscreveu, no seu corpo teórico, uma série de questões enunciadas pela psicanálise. Aconteceu assim, enfim, um rico processo de *interpelação* recíproca, que fertilizou ambas as disciplinas, por caminhos quase sempre inesperados e marcados por surpresas instigantes.

---

1. Foucault, M. *Dits et écrits*. Volume IV, Paris, Gallimard, 1994; Deleuze, G., Guattari, F. *Mille Plateaux*. *Op. cit.*

A incidência da psicanálise no discurso filosófico o interpelou no que diz respeito a uma tradição teórica muito especial, centrada fundamentalmente na concepção de *sujeito*. A *filosofia do sujeito* foi questionada pela psicanálise de maneira precisa e bem circunscrita. Para a filosofia, o sujeito seria não apenas originário, mas estaria sempre inscrito no campo da consciência e se enunciava no registro do *eu*, enquanto que a psicanálise formulou eloquentemente o *descentramento* do sujeito em ambos os registros. Foi esta problemática crucial, portanto, que delineou e costurou a interlocução crítica entre psicanálise e filosofia. Daí derivaram em cascata as demais problemáticas teóricas, que formalizaram a interlocução entre ambas.

É pelo viés agudo dessa interlocução crucial que se esboça este ensaio sobre a relação do discurso freudiano com o discurso filosófico. O que implica em dizer que nosso *recorte teórico* do discurso freudiano se deu nesse contexto específico, com a finalidade de sublinhar as torções e retorções estabelecidas pelas ideias e proposições teóricas de Freud.

## INTERLOCUÇÃO

Antes de tudo, é preciso enunciar, de forma eloquente, que Freud não era um filósofo. Nunca pretendeu tampouco que, com a constituição da psicanálise, estivesse formulando algo que pudesse aproximá-lo efetivamente da filosofia. Um *ruído* se introduz então, bruscamente, dado que ele não construiu efetivamente um discurso filosófico. Além disso, Freud manifestava geralmente certa *ojeriza* ao discurso filosófico, como veremos, foi enunciado literalmente em alguns de seus textos.

Em 1932, num ensaio tardio sobre a *visão de mundo*, inserido nas *Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise*, Freud opôs a psicanálise à filosofia, dizendo que a primeira não era absolutamente uma *Weltanschauung* como pretendia ser a segunda.<sup>2</sup> Isso porque, pelos pro-

---

2. *Weltanschauung*, palavra em alemão oriunda do discurso da filosofia, é frequentemente traduzida por *visão de mundo*. Freud, S. “D’note conceptions de l’univers” (Septième conférence). In: Freud, S. *Nouvelles conférences sur la psychanalyse* (1932). Paris, Gallimard, 1984.

cedimentos presentes no discurso científico, a psicanálise se voltaria para a pesquisa de *objetos circunscritos*, enquanto a filosofia pretendia captar sempre a *totalidade do ser e do real*. Concepção discutível do discurso filosófico — é possível certamente sempre dizer isso —, mas era a que Freud supunha ser no contexto histórico e no fechamento crítico de seu percurso teórico. Uma leitura radical, portanto, da filosofia e de sua *diferença* absoluta da psicanálise, foi enunciada por Freud, permeada pela oposição aguda entre os discursos da *ciência* e da *filosofia*.

Seria apenas esta a única concepção teórica de filosofia presente no discurso de Freud, para diferenciá-la devidamente da psicanálise? Certamente não. Em *Totem e tabu*, livro publicado em 1913, ele construiu uma comparação entre diferentes *formações culturais* e diversas *formações sintomáticas*.<sup>3</sup> O que nos dizia sobre isso? Se a *histeria* era quase uma *obra de arte* e a *neurose obsessiva* quase uma *religião*, a *filosofia* seria quase um delírio paranoico. É preciso destacar logo de início que Freud não afirmou absolutamente a identidade essencial existente entre estas formações discursivas e as diversas patologias psíquicas, mas se valeu sempre da palavra *quase*. Em outras palavras, formulou que a histeria se assemelharia a uma obra de arte, da mesma forma que a religião e a filosofia seriam similares às discursividades obsessiva e paranoide. Ou seja, o discurso freudiano enunciou que essas diferentes modalidades psicopatológicas de discurso *poderiam* efetivamente ser como essas diversas formações discursivas existentes na cultura, *caso* as subjetividades implicadas na sua produção tivessem a possibilidade de empreender a *sublimação* das pulsões sexuais e realizar então uma obra de cultura. Existiria sempre um processo sublimatório presente nas diferentes formações culturais, mas ele não estaria em ação nas ditas formações psicopatológicas, na medida em que o imperativo de *gozo* dominaria essas formações, em oposição radical às *formações sublimatórias*.<sup>4</sup>

Porém, mesmo considerando essas ponderações críticas à similaridade estrutural e às formas de funcionamento psíquico implicadas nessas

---

3. Freud, S. *Totem et tabou* (1913). Paris, Payot, 1975.

4. *Ibidem*.

formações sublimatórias e nas formações psicopatológicas, foram enunciadas com toda a eloquência. Com efeito, Freud afirmou que existiria um *estilo* de ser similar entre a exibição *sedutora* presente na *histeria* e a obra de arte, assim como entre as *cavilações culposas* presentes nas *obsessões* e nos *sistemas religiosos*. Do mesmo modo, a *ordenação lógica perfeita*, mas fundada numa *base falsa*, presente nos delírios paranoicos seria próxima da forma filosófica de discursividade. Pode-se depreender disso, portanto, que Freud mantém sempre o discurso filosófico sob certa *suspeita* na medida em que a *sistematicidade da argumentação* lógica no discurso filosófico não se apoiaria num ponto de partida incontestável, que seria duvidoso quanto à sua veracidade.

Foi por isso mesmo, aliás, que voltou à questão, logo depois, em 1915, no ensaio *O inconsciente*. Procurando diferenciar a neurose e a psicose, afirmou então que na primeira existiria uma articulação precisa entre *representação-coisa* e *representação-palavra*, enquanto na segunda a subjetividade deslizaria sempre no vazio da representação-palavra.<sup>5</sup> Portanto, Freud acabou por concluir, de maneira surpreendente, que a *esquizofrenia* funcionaria como a filosofia. Tanto nesta como naquela, o discurso se teceria apenas em torno de palavras, sem nunca se preocupar com o registro das coisas.

Assim, o delírio e o discurso filosófico funcionariam de maneira similar, pois em ambos a subjetividade manteria sempre as palavras como se fossem coisas, não tendo assim a devida exigência de submeter o discurso ao imperativo do teste de realidade. O que é uma forma de dizer, enfim, que o discurso filosófico não passaria de um *delírio sistematizado*, de característica paranoica.

Não foi apenas isso e nem sempre dessa maneira que Freud falou da filosofia. Existiram também outros contextos de sua obra nos quais se referiu à filosofia de maneira respeitosa e até mesmo bem mais próxima daquilo que se fazia em psicanálise. Pode-se então contrapor essa perspectiva *posterior* francamente crítica de Freud em relação à filosofia ao

---

5. Freud, S. “L'inconscient” (1915). In: Freud, S. *Métapsychologie*. Paris, Gallimard, 1968.

que teria dito inicialmente ao se debruçar sobre esta. Isso pode nos evidenciar um giro de cento e oitenta graus na sua relação com a filosofia. O contexto dessa evidência está na sua correspondência com Fliess, nos últimos anos do século XIX.

Fliess era um otorrinolaringologista que morava em Berlim e a quem Freud atribuía elevada respeitabilidade científica. Por isso mesmo, compartilhou com ele as suas primeiras concepções psicanalíticas, esperando o seu reconhecimento teórico. Pois bem, o que disse Freud para Fliess sobre a filosofia, no momento crucial de construção teórica da psicanálise? De maneira curta e grossa, Freud afirmou que, com a invenção da psicanálise, estava finalmente realizando o seu desejo de ser um filósofo. Ao lado disso, enunciou ainda, para o espanto de todos os leitores, que nunca tivera talento para a terapêutica, apesar de sua formação e atividade médica. Espanto relativo, seguramente. Isso porque Freud teve uma formação inicial como pesquisador em anatomia do sistema nervoso, a qual teve de abandonar por falta de recursos financeiros, dedicando-se então à clínica neurológica. Portanto, no contexto de constituição da psicanálise, Freud a aproximava da filosofia e a afastava da medicina. Enfim, a psicanálise nada tinha a ver efetivamente com a prática médica e não tinha uma pretensão terapêutica, estando bem mais próxima assim da filosofia.<sup>6</sup>

Pode-se enunciar, assim, que, nas pontas extremas de seu percurso teórico, o discurso freudiano não apenas manifestou juízos diferentes e até mesmo opostos sobre a filosofia, como também realizou operações contrapostas, de franca aproximação e de absoluto distanciamento, entre a psicanálise e a filosofia. É preciso reconhecer que o que estava em questão para Freud nessas diferentes conjunturas não era a mesma coisa. Portanto, é preciso distinguir devidamente o que estava em pauta para ele nesses diferentes contextos teóricos.

Existe uma interlocução latente da psicanálise com a filosofia, que perpassa a totalidade do discurso freudiano. Essa interlocução evidencia

---

6. Freud, S.; Fliess, W. "Lettres à Wilhelm Fliess, Notes et Plans" (1887-1902). In: Freud, S. *La naissance de la psychanalyse*. Paris, Presses Universitaires de France, 1973.

não apenas as diferentes concepções de Freud sobre o que seja efetivamente a filosofia, mas também como ele a diferenciava da psicanálise, nos seus diversos momentos teóricos. As oscilações entre a atração fatal e a ojeriza temperaram também o estilo do discurso freudiano na sua leitura teórica sobre essa questão. Enfim, a filosofia como discurso permeia o horizonte teórico do pensamento freudiano, como uma miragem em filigrana em que Freud deve sempre se demarcar de maneira pontual.

A *fundação e legitimidade* da psicanálise como saber estará assim sempre em pauta no campo tenso dessa interlocução, estando Freud constantemente impulsionado por razões epistemológicas, nas suas diferentes tomadas de posição no que concerne a isso. Foi por isso que aludi propositalmente à noção de *fronteira*, que remete necessariamente para a de *território*, já que a fundamentação epistemológica aqui referida não é alheia à noção de *soberania*, no sentido político do termo.

Podemos nos indagar, contudo, se tais fronteiras do território psicanalítico não seriam basicamente *móveis* e sempre em processo de deslocamento, marcadas pela *porosidade*. Assim, a imagem da *borda*, caracterizada pelas imagens da fluidez, mobilidade e porosidade de suas linhas de frente, seria bem mais adequada que a de *fronteira compacta* para descrever o território de legitimidade teórica da psicanálise. Por este viés, seria possível ter uma perspectiva mais perscrutadora para empreender as contraditórias e paradoxais leituras do discurso freudiano sobre o discurso filosófico.

## DISCURSO

No entanto, as intenções epistemológicas do pensamento freudiano, voltadas para a fundação teórica da psicanálise, não esgotam suas relações com a filosofia. Isso porque é preciso evocar ainda o campo de *recepção* desta por aquela, o que também faz parte da problemática dessa interlocução crítica. A filosofia também leu o discurso freudiano de diferentes maneiras, em contextos teóricos e históricos diversos. É preciso, pois, dar algum lugar a isso aqui também, nem que seja da ma-

neira esquemática, pois se constituiu uma efetiva história da recepção da psicanálise pela filosofia.

Porém, para que tudo isso se empreenda devidamente, é preciso indicar previamente a direção metodológica que me orientou nessa empreitada. Assim, o discurso freudiano será aqui considerado nas suas proposições teóricas que formam um conjunto articulado de *enunciados*, os quais, por sua vez, se inscrevem num campo teórico regulado por enunciações fundantes. Esse conjunto de *enunciados* o constitui como um *discurso* propriamente dito.<sup>7</sup> Evidentemente, Freud formulou vários discursos ao longo de sua obra, cujos *enunciados* e *enunciações* conceituais foram submetidos a *regras* e a *contextos teóricos* diferentes. Portanto, esta obra foi sendo constituída como um processo sempre recomeçado. Daí a pertinência da imagem da borda, para se referir ao território da psicanálise. Pode-se então falar em *discursos*, no plural e não no singular, para se referir ao pensamento freudiano.

Dito isso, no entanto, é preciso privilegiar os diversos conjuntos discursivos que foram forjados nesse percurso. Vale dizer, o discurso freudiano enunciou uma série de pressupostos e teses sobre a subjetividade, construindo leituras sobre o psiquismo. Dessas formulações decorreu uma série de consequências e desdobramentos teóricos imprevisíveis no horizonte de Freud. Tudo isso se evidencia na *recepção* do pensamento freudiano, constituindo uma história própria. Pela consideração dessas questões, a comunidade filosófica se manifestou em relação à psicanálise.

## RECEPÇÃO

Este ensaio foi escrito justamente para tratar de tais temas. Assim, é preciso justificar teoricamente a importância e a presença do pensamento freudiano no campo do discurso filosófico. Isso porque aque-

---

7. Foucault, M. *L'ordre du discours*. Paris, Gallimard, 1988; Foucault, M. *L'archéologie du savoir*. Paris, Gallimard, 1969.



le não pode se inscrever neste por uma razão da ordem do *fato*, mas apenas da ordem do direito, para me valer de uma célebre oposição de Kant<sup>8</sup> em *Crítica da razão pura*. Ou seja, Freud não era de fato um filósofo, mas acabou por constituir a psicanálise como um novo campo do saber, que formulou novos pressupostos sobre a subjetividade. Seu pensamento liga-se diretamente ao campo filosófico propriamente dito pela *problemática* que a psicanálise colocou para a filosofia.<sup>9</sup> Sendo assim, impõem-se as indagações: qual foi a problemática que a construção do discurso psicanalítico colocou para a filosofia e como sua invenção teórica interpelou a filosofia efetivamente? Estas são as únicas questões de direito que podem ser legitimamente reivindicadas, tendo, pois, alguma pertinência teórica; qualquer outra questão, por mais instigante que seja, deve ser aqui considerada como secundária e até mesmo como irrelevante.

Assim, um dos fios de prumo deste percurso procura destacar os efeitos da filosofia sobre a psicanálise, e o outro procura sublinhar a importância que o discurso freudiano assumiu para a filosofia, isto é, quais foram os seus *efeitos* no campo desta. Por conseguinte, estamos face a uma pluralidade de efeitos que o discurso freudiano disseminou sobre o campo da filosofia, provocando geralmente estranheza, quando não franca discórdia. Porém, a harmonia, a incorporação e a ressonância positiva também aconteceram no contexto teórico de algumas retóricas filosóficas.

Para percorrer esquematicamente as diferentes direções consideradas e costurar os seus fios num bordado que seja consistente, vamos começar por alinhar a fundação teórica da psicanálise como saber, esboçando as rupturas conceituais realizadas por Freud com a *neuropatologia* e a *psicologia* da segunda metade do século XIX. Desde então já se perfila a interlocução da psicanálise com a filosofia, pois tanto a neuropatologia quanto a psicologia daquele momento histórico se inscreviam em certos pressupostos filosóficos.

---

8. Kant, I. *Critique de la raison pure pure* (1781). Paris, Presses Universitaires de France, 1971.

9. Jauss, H. R. *Pour une esthétique de la réception*. Paris, Gallimard, 1978.